

Reflexão e partilha

Ao iniciar mais um ano lectivo, partilho com todos vós, amigos leitores, uma reflexão, oportuna e que se fundamenta nos conteúdos dos Padres da Igreja e a prática da vida cristã. Eles não falam apenas de aspectos doutrinários da fé católica. Mas na importância da pregação, a vida sacramental e a formação das comunidades cristãs, devem ocupar um lugar fundamental. Pois o coração é o tesouro mais importante que se deve revestir de amor.

A esse respeito, São João Crisóstomo diz:

“E não pensemos que basta para nossa salvação apresentar ao altar um cálice de ouro e pedras preciosas depois de haver despojado a viúvas e órfãos. Se queres honrar este sacrifício, apresenta tua alma, pelo que foi oferecido. Esta é que as vai fazer de ouro. Mas, se ela segue sendo pior que o plomo, ou que uma telha, que vale então um vaso de ouro? Não olhemos, pois somente em apresentar vasos de ouro, mas vejamos se procedem de justo trabalho. Porque mais precioso que o ouro é o que nada tem a ver com a avareza. A Igreja não é um museu de ouro e prata, mas uma reunião de anjos. Almas são o que necessitamos, pois pelas almas quer Deus os vasos sagrados. Não era de prata, na última ceia, aquela mesa, nem o cálice em que o Senhor deu aos seus discípulos o seu próprio sangue. Ao contrário, que precioso era tudo aquilo, e que venerável, como cheio estava do Espírito Santo! Quereis de verdade honrar o corpo de Cristo? Não consintais que este desnude. Não o honreis aqui com vestidos de seda e fora o deixeis padecer de frio e desnudes. Porque Ele próprio disse: Este é o meu corpo, e com a sua palavra afirmou nossa fé, Ele disse também: Me viste faminto e não me deste de comer. E: o que não fizeste a um deste mais pequenos a mim deixaste de O fazer. O sacramento não necessita preciosos mantos, mas de uma alma pura; os pobres, sim, requerem muito cuidado. Aprendamos, pois, a pensar discretamente e a honrar Cristo como Ele quer ser honrado. Porque para quem é honrado, a honra mais grata é a que Ele próprio

quer, não a que nós imaginamos. Pedro imaginava honrar o Senhor não consentido que ele lhe lavasse os pés, e isso não era honra, mas sim todo o contrário. Tributai a honra que Ele mesmo mandou pela lei, empregando tua riqueza em socorrer os pobres. Porque Deus não tem necessidade de vasos de ouro, mas de almas de ouro.

S. João Crisóstomo: homilia 50

A ideia central que o texto me sugere é o mandato da vivência do amor. De que vale apresentar ao Senhor um vaso de ouro e pedras preciosas se isso é fruto do despojamento de viúvas e órfãos. “Não era de prata, na última ceia, aquela mesa, nem o cálice em que o Senhor deu aos seus discípulos o seu próprio sangue”. Mas era o amor, era Ele próprio que se estava a dar. Se o nosso coração fosse capaz de se centrar exclusivamente n’Ele e naqueles que Ele mais ama que são os pobres e infelizes, como nós o honraríamos! Penso que transparece já a preocupação da dignidade das celebrações, no que se refere a paramentos e ornamentos, pelo valor da presença real de Cristo na Eucaristia. “Quereis de verdade honrar o Corpo de Cristo? Não consintais que este desnude.” “Não o honreis aqui com vestidos de seda e fora o deixeis padecer de frio e desnudes. Na sua pregação os Padres da Igreja, lembram o essencial da vida cristã: a identificação com Cristo o Mestre humilde de Nazaré. Em todos eles se manifestou o exercício da caridade e o amor preferencial pelos pobres. “Os seus legados não se reduzem só aos aspectos doutrinários da fé católica. A pregação, a vida sacramental e a formação das comunidades cristãs, ocupam um lugar fundamental.” E, nessa pregação a maior preocupação demonstrada é a identificação com Cristo, não apenas uma identificação exterior, mas como refere S. João Crisóstomo, identificação na atitude de serviço, e na alma, essa sim é que deve ser “de ouro” pura e irrepreensível.

O grande ensinamento que sinto actual é que “Aprendamos pois, a pensar discretamente e a honrar Cristo como Ele quer ser honrado. Ele quer ser amado e servido nos pobres, nos famintos... que como refere o texto tributemos a honra que Ele mesmo mandou pela lei, empregando a nossa riqueza em socorrer os pobres, porque Deus não tem necessidade de vasos de ouro, mas de almas de ouro.

Mª Zulmira

Vai realizar-se um **ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS**, promovido pela Federação Nacional dos Institutos Seculares (FNIS), sobre o tema **“Alarga... a tua tenda”**.

O encontro será a **6 de Novembro de 2010**, das 9.30 às 17.00 horas, no **Centro de Formação Laical**, situado na Quinta de Santo António – Almegue, 3040-007 COIMBRA (perto do Fórum).

As inscrições devem ser feitas:

- por contacto pessoal ou escrito;
- pelos telefones: Sede da FNIS—239718768
Local do encontro - 239440221
- por e-mail: fnis@sapo.pt
ou servas.apostolado@clix.pt; isapostolado@gmail.com

V Encontro Nacional de Jovens
Organizado pela FNIS (Federação Nacional dos Institutos Seculares)

6 Novembro
9h30 as 17h30
Almoço Partilhado

**Vem,
Alargar a tua tenda**

Local
Quinta de S. António
Almegue
3040-007 Coimbra

+ info:
fnis@sapo.pt

“Tudo é grande quando o amor é grande”

Editorial

A palavra de ordem todos os dias para recomeçar é renovar-se.

Que estranho desafio, por vezes sentimos que tudo se esvai, ou tudo está perdido, ouvimos por toda a parte: “não há nada a fazer”; “não tem remédio”; “não há solução”... mas ao mesmo tempo sentimos uma força que nos impele a recomeçar mesmo assim. Como se todos os indicadores nos dissessem vale a pena lutar pois o teu sucesso é garantido e o esforço recompensado. Recomeçar de novo, sempre, em cada dia, mil vezes numa vida... Ser persistente, ser suficientemente criativo, ter muita esperança e sobretudo acreditar que é possível, que vale a pena, fazer tudo o que depende de cada um(a) de nós. Isso é o mais importante, isso é renovar-se...

Acreditar para além de todas as derrotas. Lutar para além de todos os cansaços. Avançar na superação dos obstáculos. Continuar, sem cansar... isso é renovar-se!

Começar de novo, de novo e de novo. Uma vez, outra vez e mais outra ainda sem desfalecer, sem baixar os braços, sem dar por terminada a batalha!

Acordar, olhar, ler, determinar, levantar as armas da esperança e avançar... É assim a vida, nada mais!

Uma vida, atenta ao presente. Que procura responder com sentido e oportunidade, deixando que as asas da esperança voem sempre mais alto.

Uma vida aberta aos desafios do nosso tempo: capaz de beber da fonte esgotada, capaz de escavar na terra árida e ressequida, capaz de buscar onde já nada existe para encontrar... e encontra!

Uma vida, capaz de se deslumbrar com a semente lançada à terra, despedaçada, esquecida talvez... e ver para lá da aparência que ela vai germinar e dar fruto, muito fruto, cem por um.

Bom recomeço... muita esperança!

Deolinda

Deus à nossa procura através da Igreja Missionária

Jesus contou a parábola da ovelha perdida (Mt 18, 12-14). Para quê?

Contou-a para revelar a atitude do Bom Pastor. Este, deixando por momentos as 99 ovelhas do rebanho entregues a si mesmas, partiu à procura daquela que andava perdida. E quando a encontrou fez festa com os seus amigos, por tê-la encontrado. Vê-se neste pastor o amor pessoal e o contexto comunitário das suas grandes vivências.



Para quê esta parábola, na boca de Jesus? É que Ele, enviado do Pai, veio procurar cada um de nós, cheio de um amor e cuidado inauditos. A ponto de passar pelo risco da morte na cruz. **Somos assim tão importantes para o Pai, para Jesus, o Bom Pastor?**

A missão de nos salvar foi assumida por Jesus em constante união com o Pai. “Passava noites em oração” (Cf Mt 14,23). Ele, gerado no seio da Maria por obra do Espírito Santo e por Ele sempre guiado no trajecto salvífico da sua encarnação, é o Bom Pastor, “o ícone missionário por excelência”(...)

“transparência do amor de Deus que não abandona ninguém, mas vai à procura de todos e de cada um com paixão” (“Para um Rosto Missionário da Igreja em Portugal”, 6).

Em Julho tive a graça de participar na Semana da Liturgia, em Fátima, em que grande parte dos participantes eram catequistas. Tratou-se aí dos **sacramentos de iniciação cristã: Baptismo, Crisma, Eucaristia**. Por estes sacramentos, o cristão participa da vida de Deus, fica unido a Jesus Cristo. E se o cristão toma consciência desta união a Jesus Cristo, vai-se tornando imagem/presença d’Ele na terra, em Igreja. Assume-se também como bom pastor/missionário, junto dos seus irmãos, como dizia S. Paulo: «Ai de mim, se não evangelizar»; «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20).

Fez-me bem, nesses dias de presença em Fátima, contemplar o olhar de Jesus crucificado, da basílica da Santíssima Trindade: Senti-o como um olhar bem aberto e atento, cheio de preocupação com o nosso mundo, com cada um de nós!... Senti que Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Senti que Ele nos chama a ser, com Ele e por Ele, bons pastores dos nossos irmãos.

Qualquer cristão deve crescer neste zelo pela missão de levar a Boa Nova aos irmãos. Somos filhos muito amados por Deus e a nossa felicidade passa por responder-Lhe com sincero amor e com as obras que Ele nos ensinou.

Amigos cristãos, que vamos fazer para correspondermos melhor à mensagem de Jesus nesta parábola? Será que nos preocupa a mentalidade de quem vive e pensa que tudo vale o mesmo? Será que a palavra de Deus nos convoca para uma maior união com Deus e nos impele a uma maior dedicação aos irmãos, em união com o Bom Pastor?

Josefa

“Quero actuar no mundo mergulhada em Deus Trindade que adoro”

“ Ai de mim se não evangelizar ” (1 Cor. 9,16)

‘Ide também para a minha Vinha e dar-vos-ei o salário que for justo.’

O que nos move na resposta?

O **CONTRATO**, a **PROMESSA** ou a confiança na **BONDADE** do Proprietário?



«O Reino do Céu é semelhante a um Proprietário que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar trabalhadores para a sua Vinha. Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para a sua Vinha...

Ao entardecer, o dono da vinha disse ao Capataz: ‘Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até aos primeiros.’ Vieram os das cinco da tarde e receberam um denário cada um. Vieram, por seu turno, os primeiros e julgaram que iam receber mais, mas receberam, também eles, um denário cada um. Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o Proprietário, dizendo: ‘Estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o cansaço do dia e o seu calor.’ O proprietário respondeu a um deles: ‘Em nada te prejudico, meu amigo. Não foi um denário que nós ajustámos? Leva, então, o que te é devido e segue o teu caminho, pois eu quero dar a este último tanto como a ti. Ou não me será permitido dispor dos meus bens como eu entender? Será que tens inveja por eu ser bom?’ Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.”»

Mt 20, 1-16

Meditar

Através das várias horas da Parábola, Jesus conta a História da Aliança de Deus, a História de um Deus que permanentemente “sai para procurar e chamar”. Desde o princípio a bíblia nos fala desta procura do Homem por parte de Deus, quando nos diz que todos os dias Deus passeava pelo Jardim das Delícias ao entardecer. No dia em que Adão (Adam é a palavra hebraica que significa Humanidade) se escondeu, Deus correu pelo Jardim procurando-o e chamando-o: “Homem, onde estás?” (Gn 3, 9). Toda a história bíblica é o desenrolar desta procura amorosa de Deus atrás do Seu Povo, que permanentemente lhe fugia para ir servir outros “deuses”, os ídolos pagãos. Por isso, o ritmo da Antiga Aliança era entendido pelos profetas como um ritmo de Infidelidade-Castigo-Perdão-Reconciliação (Os 2, 4-25).

Há três grupos nesta Parábola: os da primeira hora, os das horas intermédias e os da última hora. E a relação do Proprietário da Vinha com cada um dos grupos é diferente. É nessa diferença que reside a catequese da Parábola...

“Ajustou com eles um denário, e enviou-os para a Vinha”. Os da primeira hora vão para a Vinha confiados num **CONTRATO** com o Proprietário. Significam os primeiros da história da Aliança de Deus com o Seu Povo, os judeus, enraizados no “Contrato” estabelecido no monte Sinai, o monte da Aliança, o monte da Lei. A Lei, condensada nos dez mandamentos, era o “Contrato” entre Deus e o Povo de Israel. Nesta relação, tudo se regia por esse “Contrato”. O próprio Deus estava sob a alçada da Sua Lei, escravo desse “Contrato”, sendo a Sua única função abençoar os cumpridores e castigar os desobedientes!

Os trabalhadores das horas intermédias vão para a Vinha confiados numa **PROMESSA** do Proprietário. Significa toda a história bíblica do Povo que se põe a caminho a partir do Sinai até à Terra Prometida, chamado a viver atento à Palavra de Deus e a esperar fielmente a realização das Suas promessas. Os pilares que sustentavam a marcha histórica do povo bíblico foram as promessas feitas por Deus por meio dos Seus profetas.

Agora, não há Contrato nem Promessa... Os trabalhadores da última hora vão para a Vinha confiados na **BONDADE** do Proprietário.

Na sua relação com Deus, os trabalhadores da primeira hora estavam dependentes de si próprios, do seu cumprimento do “Contrato”, ou seja, da observância da Lei e da conquista de méritos. Os trabalhadores das horas intermédias estavam dependentes da pertença fiel aos costumes e tradições que mantinham a esperança de Israel. Os trabalhadores da última hora estavam dependentes da **GRAÇA** do Proprietário.

O Coração amoroso de Deus revela-se na justiça do Proprietário da Vinha, que dá aos primeiros o que tinha contratado, dá aos seguintes mais do que lhes tinha prometido e dá aos últimos o que eles não mereciam!

Orar

Obrigado, Deus Pai, pela História de Salvação que sonhaste desde o princípio, e da qual nunca desististe, apesar de todo o pecado e infidelidade que tiveste que vencer.

Dá-me a Sabedoria de viver uma Fé livre da lógica dos méritos ou das negociatas contigo, mas sempre confiada na Tua Bondade e dependente da Tua Graça!
(...)

O que nos move na resposta?

O **CONTRATO**, a **PROMESSA** ou a confiança na **BONDADE** do Proprietário?

Rosário

O ser e o agir da serva do apostolado

Encontramo-nos para rezar...

Não é fácil passar muito tempo sem encontros. A vida parece que não tem sabor sem eles. Estou a pensar naqueles encontros marcados com antecedência nem que seja só para matar saudades e naturalmente para partilhar a vida. A que horas nos vamos encontrar?...

Os encontros são um momento de espera, expectativa e um refazer-nos. É isso, são uma oportunidade que não devemos perder. Afinal, são mais importantes do que as mil tarefas que temos que desempenhar no dia a dia.

São os encontros que dão sentido e alegria ao resto das muitas coisas que vamos fazendo. Por isso é importante que nos encontremos, não só uns com os outros, mas com O DEUS que nos conhece e ama incondicionalmente!

Estou a pensar e a propor-te encontros específicos **quinzenais de oração às quintas-feiras das 21h00 às 22h00** (+ ou -).

Não, não é para gente especial. É para ti que me lês que dirigido o convite, se quiseres, claro!

O primeiro encontro é dia **7 de Outubro** na Sede do Instituto em Coimbra. Não é preciso inscrever-se, é só aparecer e o encontro acontece!...

“As coisas que nos rodeiam são apenas ‘postes de sinalização’ que nos apontam Deus”

Senhor; ensina-nos a rezar! (Lc11,1)

CONTACTOS:

Instituto Secular Missionário
Servas do Apostolado
Quinta de S. António—Almégue
3040-007 COIMBRA

Telef. 239 440 221

Telem. 967 883 030

E-mail: servas.apostolado@clix.pt

Blog: <http://isapostolado.blogspot.com>

OS INSTITUTOS SECULARES, SUA IDENTIDADE

Deus amou de tal modo o mundo que lhe enviou o Seu Filho, não para o condenar, mas para o salvar (Cf. Jo 3, 16).

Os membros dos Institutos Seculares colaboram com Deus na salvação do mundo, a partir de dentro do mundo, metidos nas diferentes realidades que o compõem. **Como o sal e o fermento**, pela sua natureza, desaparecem na massa. Morrem para si, consagrando-se a Deus em pobreza, castidade e obediência. Assemelham-se ao trigo que, “se não morrer, não dá fruto”.

A ACÇÃO DE DEUS NA NOSSA FRAGILIDADE

(Testemunho de **ROBERTA**, Consagrada Secular, em Milão)

É muito misterioso o que Deus realiza na nossa vida. Misterioso e estranho.

Era ainda manhã cedo quando alguém bateu à minha porta. De novo tive medo, porque sabia o mal-estar que este novo hóspede trazia consigo.

Tratava-se do meu irmão Valter, que a companheira abandonou, pois não o conseguia suportar, e que veio viver comigo.

Valter sofre de uma depressão bipolar. Significa que, se não estiver deprimido a ponto de não sair de casa nem se encontrar com os amigos, é vítima de um estado de euforia que o faz sentir-se onipotente e realizar coisas fora do comum e também inconvenientes.

Valter submeteu-se ao tratamento de um psiquiatra, e embora a medicina não o saia, ajuda-o a manter-se num estado de calma controlada ou de depressão suportável.

Para mim, que vivo a seu lado, cada dia é um dia difícil, de sofrimento e piedade... Mas, como sucedeu com minha mãe, também eu me vou abrindo ao acolhimento. Uma vez mais me perco a mim mesma. Mas este morrer é como que um nascer para uma dimensão diferente.

Sinto sofrimento pelo seu sofrimento, dor pela sua dor, e alegro-me pelos seus breves momentos de serenidade. E vejo, com uma visão mais clara, que também eu sou acolhida por ele. Quando pode, também ele me compreende, se interessa pelo meu trabalho e me escuta. Quando pode, repito.



Não era crente, tinha somente uma grande ternura pela sua amiga Maria, como ele costumava chamar à Virgem Maria. Depois, a partir de uma simples sugestão sua, começámos a rezar juntos. Recitamos o Pai nosso antes das refeições. Rezamos com frequência o Rosário. Uma ou outra vez, o Valter quer ir comigo à Missa. Mais de uma vez o encontrei de joelhos ao pé da cama.

Reconheço, pois, com espanto e gratidão, que, por este acolhimento recíproco, outro entrou na nossa casa. Foi Deus, nosso Pai. Acolher significa, pois, estar com Deus.

Está escrito: “Onde há caridade e amor, aí habita Deus”. O acolhimento torna-se aliança.

Como Abraão em Mambré, de novo me encontro a fazer festa pelo hóspede que chegou inesperadamente. É uma festa um pouco estranha, composta, com frequência, de noites agitadas, de angústia e de lágrimas.

Mas já não temo perder-me, porque não estamos só os dois. Conosco está Jesus. Está Deus. Está a Trindade.

Por isto, apesar da minha fragilidade e dos meus frequentes medos, parece-me uma festa este momento da minha vida. Onde de vez em quando, todavia, temo perder-me...

Mas sempre há alguém que me encontra!

(Recolha de Josefa, In “Diálogo”, n°3, 2009)

“Sede apóstolas, sede verdadeiras missionárias”

Consagradas para servir